

Divergências inviabilizam aliança do PT e PSDB

Geraldo Magela

Há muitos obstáculos no caminho de uma possível aliança entre o PT e o PSDB para a eleição no Distrito Federal, sonho acalentado pelo deputado federal Sigmaringa Seixas (PSDB) e pela executiva do PT-DF. A sucessão presidencial, quando Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Henrique Cardoso (PSDB) deverão marchar em campos radicalmente opostos, apesar dos muitos acenos de uma possível aliança, é apenas o maior deles.

Um relatório das conversações com os partidos do DF sobre coligações e alianças eleitorais, elaborado pelo deputado Geraldo Magela e que chegou às mãos do PSDB, propõe uma indefensável formação de duas chapas proporcionais — uma só do PT e outra com os aliados —, afirma que o PSTU só participa da aliança se o PSDB estiver fora e garante que a entrada do ministro da Justiça, Maurício Corrêa, “complicou o já confuso quadro do PSDB-DF”.

O relatório constata que o PSDB está com seu calendário muito atrasado em relação aos demais partidos que poderiam formar a aliança e deixa implícito que o grupo liderado pelo deputado Sigmaringa Seixas admitiu a possibilidade de uma aliança local com o PT, mesmo na hipótese de uma candidatura própria a presidente do PSDB — o que será inviável diante da radicalização da campanha, antes mesmo de começar.

Isto porque, ainda nos Estados Unidos, o ministro Fernando Henrique Cardoso fez críticas duras ao PT e a Luiz Inácio Lula da Silva, que tem tentado boicotar o plano econômico do governo Itamar Franco, pedra de toque da candidatura do ministro à Presidência.

De acordo com o relatório, só o PSDB, até agora, teria aceito a proposta de duas chapas proporcionais — uma forma de evitar a transferência do voto de militância do PT para candidatos proporcionais de partidos aliados. O dilema do PT é não pregar no partido a imagem de partido das corporações, mas em Brasília ele é exatamente isso: os sindicatos e movimentos populares são usados como trampolim político, e os interesses político-eleitorais são colocados à frente de interesses de trabalhadores representados pelos sindicatos.

O relatório de Magela (referenciado por Arlete Sampaio, Swendemberg Barbosa, o Berge, Chico Floresta e Eurípedes Camargo, membros da executiva responsáveis pelos contatos) também admite difi-



Só Sigmaringa favorece coligação tucana com os petistas

culdades com o PPS, por sua proposta de que o PT, com a cabeça-de-chapa, abra mão de indicar candidatos a vice e ao Senado, abrindo espaço aos aliados. O PPS tem dois candidatos majoritários, o deputado federal Augusto Carvalho (que quer ser governador) e o deputado distrital Carlos Alberto (que quer ser senador).

As conversas continuam. O deputado Sigmaringa Seixas, que investiu demais numa aliança com o PT, convenceu o PSDB a participar delas — o que deverá acontecer hoje. Sigmaringa é olhado com certa desconfiança pelo grupo liderado por Geraldo Campos, que não esquece suas manobras na eleição passada — empurrou Maria Abadia para a Câmara Legislativa e Geraldo Campos para vice de Maurício, inviabilizando os esforços do partido de formar uma aliança mais ampla com Roriz, para ser o principal candidato do PSDB a deputado federal — e mesmo assim se elegeu “raspando”.

Mas Sigmaringa teve seu espaço restrito pelos “foras” que deu: primeiro não deu apoio ao plano econômico de Fernando Henrique; depois propôs o “impeachment” de Itamar, por causa do episódio Lílían Ramos, com críticas veladas a Maurício Corrêa, de seu partido; e também lutou contra a entrada de Maurício no PSDB, e agora contra sua candidatura.

Já as dificuldades de Maria Abadia são enormes: primeiro, ela é também candidata a um cargo majoritário (possivelmente o Senado); em segundo lugar, ela tem muita dificuldade de esquecer a vaia que recebeu, sendo impedida de falar, num comício suprapartidário realizado nos gramados do Congresso, pró-impeachment de Collor. A vaia

foi comandada pela militância do PT, que sempre a discriminou. Segundo FHC, o PT não quer alianças, mas quer que os partidos adiram e ele, “como se tivesse o direito divino de governar o País”. E, como via de consequência, de governar o Distrito Federal, que é estrategicamente fundamental para o PT.

Também Geraldo Campos tem dificuldades numa eventual aliança com o PT. A maior de todas: assessores de Maria Laura não querem em nenhuma hipótese sua candidatura a deputado federal, muito menos podendo contar com a ajuda do voto de militância do PT, se não houver duas chapas proporcionais.

Há mais dificuldades, portanto, do que facilidades no caminho de uma possível aliança PT-PSDB em Brasília, que parece interessar, entre os “tucanos”, unicamente a Sigmaringa. Mesmo com o PPS, isoladamente, as dificuldades seriam grandes, porque, nesta hipótese, dificilmente Augusto Carvalho, que também procurou ser, na CPI, o contraponto de Roriz, o inimigo número dois do governador, abriria mão de sua candidatura a governador para Maurício Corrêa. E voltaria tudo à estaca zero.

Maurício seria o mais prejudicado por uma possível aliança com o PT: é ministro de Itamar, a quem o PT faz oposição. Além disso, é candidato majoritário e o PT não abre mão da cabeça-de-chapa para ninguém — como aconteceu na eleição passada, quando o candidato era um ilustre desconhecido, eleitoralmente ainda mais fraco que Cristovam Buarque. E mais: ele é inimigo pessoal de Cristovam. Maurício também foi duramente criticado pelo PT depois do episódio no Sambódromo.